

REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO INICIAL NO CONTEXTO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Claudionor Alves da Silva
E-mail: claudionor.silva@uesb.edu.br
Josevaldo Trindade dos Santos
Rejane Antônio Coelho Trindade dos Santos
Vivian Badaró da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

O subprojeto de Pedagogia, vinculado ao Programa Residência Pedagógica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) busca proporcionar ações pedagógicas de investigação e aplicação prática na escola-campo, possibilitando condições para o desenvolvimento autônomo do efetivo processo de formação docente na licenciatura de Pedagogia. O objetivo deste trabalho é analisar as práticas de alfabetização desenvolvidas pelas professoras do primeiro ano do Ensino Fundamental, no contexto deste subprojeto e, em seguida, propor atividades de intervenção pedagógica. O marco teórico que fundamenta este trabalho perpassa pelos estudos acerca da psicogênese da língua escrita, desenvolvidos por Emília Ferreiro e colaboradores e dos estudos da linguagem, concebida como processo de interação social, propostos por João Wanderley Geraldi. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de cunho qualitativo cujos procedimentos se deram por meio da observação *in loco* das práticas das professoras do primeiro ano do ensino Fundamental e a análise da proposta pedagógica da rede municipal de ensino. Podemos constatar que as práticas pedagógicas das professoras permanecem mecânicas, adotam os métodos de ordem sintética de alfabetização, embora a proposta pedagógica adotada pela rede municipal de ensino, adota a perspectiva discursiva da linguagem.

Palavras-chave: Alfabetização. Práticas pedagógicas. Programa Residência Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as práticas de alfabetização desenvolvidas em turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, no contexto do Programa Residência Pedagógica, subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Entre os objetivos deste subprojeto, destaca-se: proporcionar aos sujeitos envolvidos na proposta do Núcleo de Pedagogia da UESB ações pedagógicas de investigação e aplicação prática na escola-campo, de modo que possibilite condições para o desenvolvimento autônomo do efetivo processo de formação docente na formação inicial.

A seleção da temática sobre a alfabetização se deu em função dos resultados da avaliação de desempenho dos estudantes do 2º ano em língua portuguesa, realizada pelo Sistema de

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

Avaliação da Educação Básica (Saeb). Segundo os dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em novembro de 2020, cerca de 55% dos estudantes do 2º ano do ensino fundamental encontram-se nos níveis 5 a 8 de proficiência em língua portuguesa, de acordo com as escalas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

De acordo com o Inep (2020), a avaliação revela que a maior parte dos estudantes (21,55%) se concentra no nível 5. Por outro lado, 4,62% dos alunos estão abaixo do nível 1, o que indica a provável falta de domínio no conjunto das habilidades que compuseram o teste por parte desses participantes. Em contraponto, 5,04% dos estudantes estão no nível 8 – um indicativo do domínio da maioria das habilidades testadas. Esses dados revelam que a alfabetização de todas as crianças brasileiras ainda é um desafio.

Com base nesse cenário, compreende-se como fundamental para os alunos/residentes do curso de Pedagogia, na condição de aprendizes da docência, o aprimoramento do seu processo formativo. O propósito é que esse aprimoramento se dê por meio da sua inserção no campo de atuação profissional. As vivências devem possibilitar a) a compreensão da relação entre a teoria e a prática; b) o conhecimento do currículo do ciclo de alfabetização e c) a investigação de situações cotidianas da prática docente por meio de observações, estudos e pesquisas.

Tal justificativa conduziu ao seguinte questionamento: por que os níveis de desempenho acadêmico dos alunos dos anos iniciais permanecem insatisfatórios em relação ao aprendizado da leitura e da escrita, mesmo diante da instituição de propostas e políticas públicas? Considerando a problemática exposta, o Programa Residência Pedagógica foi se reconfigurando no sentido de estreitar as relações com as professoras e a escola para propor ações articuladas e colaborativas entre o docente orientador do subprojeto de Pedagogia, as professoras alfabetizadoras (preceptoras) e aos alunos/residentes do curso de Pedagogia. Nesse sentido, a parceria e colaboração entre a instituição formadora de professores e a escola-campo é fundamental para a execução e sucesso dessa proposta de trabalho.

Dentre as estratégias apontadas para o desenvolvimento desse trabalho de natureza colaborativa, destacam-se: as rodas de conversa para sensibilização da comunidade escolar; oficinas para a elaboração coletiva da proposta de trabalho; estudo dos documentos oficiais, que lastreiam a proposta de trabalho; os indicadores educacionais da alfabetização no Brasil;

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

análise do material didático adotado pela escola para alfabetizar as crianças; oficinas de elaboração de material didático para alfabetizar as crianças; elaboração de instrumentos de avaliação do processo de aprendizagem da leitura e da escrita das crianças, visando a identificação dos níveis psicogenéticos em que cada criança se encontra, para posterior replanejamento da ação docente; planejamento das intervenções a serem realizadas em sala de aula, considerando a necessidade de se adotar uma rotina no processo de alfabetização, a fim de assegurar o ensino sistematizado do sistema de escrita alfabética, entre outras.

Como se trata de um Programa em andamento, apresenta-se neste trabalho dados preliminares, considerados como relevantes para a reflexão acerca da ação docente sobre as práticas de alfabetização.

REFERENCIAL TEÓRICO

O marco teórico que fundamenta este trabalho perpassa pelos estudos acerca da psicogênese da língua escrita, desenvolvidos por Emília Ferreiro e colaboradores e dos estudos da linguagem, concebida como processo de interação social, a partir dos estudos propostos por João Wanderley Geraldi.

Até o desenvolvimento dos trabalhos acerca da psicogênese da língua escrita por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a escrita era concebida como um processo de decodificação em que as crianças aprendiam a partir da memorização, decorando letras e sílabas até formar palavras e frases. Segundo Ferreiro (2000, p. 12),

A invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído, poder-se-a pensar que o sistema de representação é aprendido pelos novos usuários como um sistema de codificação. Entretanto não é assim.

Com base nesses estudos, Morais (2012) sugere que o aprendiz precisa encontrar respostas para duas questões: “1. o que as letras representam (ou notam, ou substituem)? 2. Como as letras criam representações (ou notações? (ou seja, como as letras funcionam para criar representações/notações” (p. 49). Isso revela que a criança, para chegar a essas respostas, precisa passar por um processo de reflexão, que envolve a metalinguagem.

Os estudos de Emília Ferreiro partem da aquisição de alfabetização não como técnica, mas como ferramenta cultural e social, que é uma tarefa realizada por um sujeito pensante, ativo e responsável pela sua própria construção de conhecimento. Ferreiro e Teberosky (1999) e

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Universidade
do Estado da Bahia

16 a 19 de agosto

Ferreiro (2000) descrevem o percurso que o sujeito aprendiz percorre para a construção da escrita. Do rabisco ou desenho, o aprendiz chega à fase da “fonetização” (cf. FERREIRO & TEBEROSKY, 1979), momento em que precisa dispor de habilidades metalinguísticas para desenvolver a análise de letras e sílabas para elaborar as hipóteses silábicas e alfabéticas de escrita.

Com base nesses estudos, a alfabetização inicial é compreendida como um processo de desenvolvimento da linguagem escrita, segundo o qual o sujeito se centra em desenvolver habilidades perceptivas e compreensivas dos significados das palavras. Considera-se ainda que os sujeitos aprendizes participam em seu cotidiano de diversos atos de leitura, ao conviver com material diversificado de escrita como livros, contos, publicidade, receitas, panfletos etc.

Nesse sentido, ao considerar o valor e a importância do texto nas aulas de ensino da língua, Geraldi (1984, 1997 e 2010) e outros, percebem a linguagem como “lugar de constituição de relações sociais, onde os sujeitos se tornam sujeitos” (GERALDI, 1984, p. 41). Esses estudos são considerados um divisor de águas, em relação ao ensino da linguagem e estão fundamentados nas ideias de Bakhtin (1986, p. 123), ao afirmar que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.

Fica clara nessa citação a posição de Bakhtin (1986) em relação ao ensino tradicional. Ao invés de práticas mecânicas de leitura e de escrita descontextualizadas e desprovidas de significado, deve-se privilegiar as práticas reais de uso da linguagem. O ensino da linguagem deve perpassar pela compreensão da língua como interação social, que elege textos produzidos numa determinada esfera de comunicação e que circulam no contexto social. A escola deve, portanto, tomar o texto como unidade de ensino.

Desse modo, é fundamental que a alfabetização, desde a sua etapa inicial, seja compreendida como um processo que vai além da aquisição de habilidades mecânicas do ler e do escrever, mas deve contribuir para que todas as crianças se apropriem dos diversos usos da linguagem, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita. Do contrário, não será possível o desenvolvimento da capacidade de produzir e compreender textos de diferentes gêneros em diferentes contextos de comunicação.

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Universidade
do Estado da Bahia

16 a 19 de agosto

Tendo em vista que o objetivo do ensino da língua seja o desenvolvimento da capacidade de comunicação, mais do que ensinar a ler e a escrever, é preciso pensar na leitura significativa, que perpassa pela análise de forma crítica e reflexiva dos textos. Do mesmo modo, a escrita não deve ser mera cópia, mas uma produção crítica, que será lida por outros usuários da língua.

METODOLOGIA

Desenvolvido no contexto de uma pesquisa qualitativa, este trabalho apresenta dados preliminares acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas por três professoras preceptoras que atuam no Programa Residência Pedagógica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Assim, as estratégias utilizadas foram a observação *in loco*, realizadas pelos quinze alunos/residentes, das práticas pedagógicas. As observações foram realizadas entre os meses de novembro de 2022 a maio de 2023. Observou-se as metodologias e estratégias desenvolvidas, a relação professor-aluno, os recursos utilizados e outros elementos considerados importantes no processo de ensino e aprendizagem.

O número máximo de residentes permitido por dia na turma eram de 2, para evitar interferências no processo. Desse modo, as observações ocorriam durante 3 dias da semana em cada turma. Nesse período em que ocorreram as observações, todos os sujeitos envolvidos no processo se reuniam semanalmente para discutir e analisar os eventos das aulas, além de realizar estudos teóricos acerca do processo de alfabetização.

O outro procedimento realizado foi a análise da proposta pedagógica da rede municipal de ensino, materializada no Programa APROVA BRASIL, um guia de recursos didáticos para o professor. Esse material é parte de um Programa do Governo federal que visa preparar os alunos para a avaliação externa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as limitações de espaço, apresentam-se neste trabalho uma análise sucinta dos resultados obtidos até o momento da produção escrita deste trabalho.

As práticas pedagógicas das três professoras são heterogêneas, por se fundamentarem em diferentes abordagens teóricas, inclusive pertencentes a correntes de pensamento opostas. Em tais práticas, evidenciou-se muito a utilização de atividades mecânicas de leitura e de

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

escrita, que reduzem o aprendizado da linguagem escrita à aquisição de habilidades, segundo as quais o aluno é visto como um sujeito passivo e reproduzidor do conhecimento.

Chamou a atenção que essas duas professoras seguem o conteúdo curricular previamente programado para a classe, sem levar em consideração que os alunos da turma (nenhum deles) atingiu o nível alfabético da escrita, conforme diagnóstico realizado. No entanto, as professoras trabalham com a leitura de textos do material didático como se todos os alunos fossem lessem convencionalmente. Segundo as professoras, essas leituras devem ser realizadas porque é “exigência da proposta pedagógica” e “é preciso saber qual o nível de fluência e compreensão de leitura dos alunos.

A fluência e compreensão da leitura ditas pelas professoras inclui habilidades eficazes de decodificação que permitem ao leitor compreender o texto, já que existe uma relação recíproca entre a decodificação e a compreensão. De acordo com Samuels (2006), a fluência leitora se manifesta na leitura oral precisa, rápida e expressiva e é aplicada durante a compreensão leitora silenciosa. A sua avaliação costuma ser realizada principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental e toma como critério a velocidade da leitura, a expressividade, a habilidade de decodificar e compreender um texto ao mesmo tempo.

Segundo o que se observou, as práticas de leitura parecem infrutíferas, porque o nível de leitura e escrita no qual os alunos se encontram, não lhes permitem compreender da forma como lhes estão ensinando. De acordo com os estudos de Ferreiro (2000) é fundamental ao professor alfabetizador identificar o nível de escrita de seus alunos para, em função disso, planejar suas atividades de intervenção. Por sua vez, Batista *et al.* (2005-2007, p.11) afirma que

a avaliação diagnóstica é um valioso instrumento para que o professor conheça a turma com que vai trabalhar, para saber de que pontos deve partir; que capacidades deve explorar; de que modo deve explorá-las, quer dizer, introduzindo, por exemplo, uma determinada capacidade, trabalhando-a sistematicamente ou retomando-a para consolidação.

Segundo o que se constatou, as professoras não levam tais conhecimentos em consideração. O que lhes preocupam é “dar” o conteúdo curricular proposto para a classe, ainda que os alunos não consigam compreender, pois “é isso que é cobrado da gente”. Permanece, assim, a continuidade da responsabilização do aluno pelo seu próprio fracasso. Nenhuma reflexão, até o momento da escrita deste trabalho, foi realizada pela escola, com o intuito de

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Universidade
do Estado da Bahia

16 a 19 de agosto

entender o que se passa nem buscar meios para reverter a situação. Enfim, o problema da não aprendizagem dos alunos parece não ser responsabilidade da escola.

Ainda que a leitura diária seja recomendada e/ou orientada para todas as turmas dos 5 anos do ensino fundamental, não se observou o desenvolvimento dessa prática. A atividade de leitura conforme descrita aqui ocorre esporadicamente, uma ou duas vezes por semana. De acordo com a proposta, nas aulas de Língua Portuguesa, a leitura diária pode ser feita no início ou no final de cada aula. E mais, nos momentos de leitura em voz alta deve promover o prazer e que deve privilegiar, para isso, os diversos tipos de textos.

Enfim, as duas professoras, conforme revelam suas práticas, não obedecem às orientações da proposta didática adotada pela escola. Assim, prevalecem atividades de leitura e escrita mecânicas, limitadas e não reflexivas. Em outros momentos, foram observadas tentativas de desenvolver atividades de leitura, mas não na perspectiva discursivo-interacionista como é proposto. A proposta didática concebe a língua como “[...] uma atividade interativa inserida no universo das práticas sociais e discursivas, envolvendo interlocutores e propósitos comunicativos [...]” (BRASIL, 2008, p. 21), mas as práticas mostram o contrário, pois não há interação, mas transmissão do professor para os alunos.

Com relação à outra professora, embora as práticas também sejam heterogêneas, há uma tendência em desenvolver práticas que mais se aproximam da perspectiva discursivo-interacionistas. Do mesmo modo, há uma atuação, por parte da professora, em preocupar com os alunos que apresentam baixo desempenho em relação à aprendizagem e as atividades pedagógicas são desenvolvidas de modo a atender a todos os alunos.

Evidencia-se também na prática dessa professora, a ênfase em trabalhar com a fluência de leitura. São realizadas diariamente atividades de leitura voltadas para avaliação da fluência de leitura dos alunos. Durante a leitura individual de cada aluno, a professora pontua os seguintes aspectos: o tempo de leitura, a pronúncia, a entonação correta, a compreensão, entre outros. Conforme a proposta pedagógica, dito pela professora, *“a não fluência de leitura é uma das causas da não compreensão de textos. Sem fluência de leitura, os alunos não conseguem identificar as informações presentes no texto nem produzir inferências”*.

Diferente das duas outras professoras, nas práticas dessa professora inclui a leitura diária. No entanto, com o foco na leitura, verifica-se uma desvalorização e ou a



negação/exclusão das atividades de produção textual, oralidade e análise linguística, ou seja, os outros elementos fundamentais no ensino da linguagem.

CONCLUSÃO

Tendo em vista a discussão apresentada em função dos resultados deste trabalho, fruto de um Programa em andamento, conclui-se que a origem de alguns aspectos da problemática identificada pode encontrar respostas na formação inicial e continuada dos professores. Ainda que preliminares, os dados construídos até o momento evidenciam que a má formação dos professores ou a carência da formação continuada dos professores pode contribuir com o baixo desempenho dos alunos.

Do mesmo modo, constatou-se, portanto, que as professoras não conseguem por em prática a proposta pedagógica adotada pela rede de ensino por insegurança, motivada pela falta de formação continuada, uma formação sólida, que lhes possibilitem abandonar os tradicionais métodos de ensino. E ainda, parece faltar a compreensão de que o ensino da linguagem envolve o desenvolvimento das habilidades de oralidade, leitura, escrita e de análise linguística, não podendo uma ser priorizada em detrimento de outra.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo. Ed. Hucitec, 1986.

BATISTA, A. G; SILVA, C. S. R; BREGUNCI, M. G. C; CASTANHEIRA, M. L; MONTEIRO, S. M; **Avaliação diagnóstica da alfabetização**. Coleção de instrumentos da alfabetização. Vol. 3, p. 01 a 88. Centro de alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) e Ministério da Educação, 2005-2007.

BRASIL. **Ministério da Educação**. PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação – Prova Brasil. Brasília: MEC/SEB/Inep, 2008.

_____. **Ministério da Educação**. Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/saeb/divulgados-resultados-amostrais-do-saeb-2019>. Acesso em: 10 de março de 2022.



GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Paraná: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas, de práticas a objetos. *In*: GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 71-80., 2010.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. São Paulo, Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo, Cortez, 2000.

SAMUELS, S. J. Toward a model of reading fluency. Em S. J. Samuels & A. E. Farstrup (Eds.), *What research has to say about fluency instruction* (pp. 24-46). Newark: International Reading Association, 2006.